

## A PRIMEIRA GERAÇÃO ROMÂNTICA E O INDIANISMO NA PROSA E NA POESIA BRASILEIRAS

### **META**

Levar aos alunos o conhecimento desta importante modalidade literária do Romantismo brasileiro

### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula, o aluno deverá:  
reconhecer o sentido nacionalista do nosso indianismo;  
apreciar trechos de extrema beleza formal, próprios do Romantismo brasileiro;  
discutir a temática explorada pela primeira geração romântica.

### **PRÉ-REQUISITOS**

Antes de iniciar a leitura desta aula, revise o conteúdos trabalhados nas de números 2 e 3, pois as informações nelas expressas são essenciais para o entendimento do que ora vamos abordar.



legenda: Iracema, tela de Antonio Parreiras,1909 (Fonte: <http://pt.wikipedia.org>).

## INTRODUÇÃO



O índio como a expressão do nacional (Fonte: <http://orbita.starmedia.com>).

Vocês devem estar lembrados que, quando falamos das características específicas do nosso Romantismo, apontamos para a importância do indianismo na prosa e na poesia. Lembrem, também que enquanto o Romantismo europeu se voltou para o passado medieval, nós que não tivemos Idade Média, nos voltamos para o nosso passado, marcado pela presença do índio. E fizemos desse índio o herói nacional: corajoso, valente e leal, como um cavaleiro medieval. Mas era o nosso índio, que vivia numa interação perfeita com a natureza brasileira, exuberante e bela. E foi dito, também, na aula passada, que o indianismo é fruto da volta ao passado e, sobretudo, do sentimento nacionalista tão atuante nesta época no Brasil. O povo brasileiro estava cansado de ser explorado pelo colonialismo português e almejava sua independência. Mas não bastava uma simples independência política. Era necessária uma plena autonomia cultural, uma literatura que falasse da nossa realidade e que fosse diferente da literatura portuguesa. Ora, o índio era um prato feito, isto é, prestava-se admiravelmente aos propósitos nacionalistas, pois era o autêntico homem brasileiro. Falamos um pouco mais sobre isso, então, vamos lá!

## O INDIANISMO NA POESIA E NA PROSA BRASILEIRAS



José Maria de Medeiros: *Iracema*, 1884. Óleo sobre tela. 167,5 x 250,2 cm. Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes.

Como dissemos na aula passada, no século XVIII, no Neoclassicismo brasileiro, o indianismo já aparece nos poemas *Uraguai*, de Basílio da Gama, e *Caramuru*, de Santa Rita Durão. A nossa natureza também já está presente, mas faltam a eloquência e empolgação românticas. A necessidade de valorizar natureza e o homem brasileiros é fruto do momento político associado à estética romântica.

Gonçalves de Magalhães, de quem também já falamos na aula passada, teve um papel importante na introdução do indianismo romântico, embora não tenha sido muito feliz na realização do seu poema *Confederação dos Tamoios* (1856). José de Alencar, que iniciava, então, sua carreira literária, escreveu oito cartas sobre este poema, publicadas na imprensa da época, apontando os defeitos do senhor Gonçalves de Magalhães. Segundo Alencar, o poeta foi aos cronistas, de onde retirou o índio, transplantando-o tal qual para a poesia, sem lhes dar um perfil de herói nacional, cheio de grandes virtudes. Era disso que nós, brasileiros, precisávamos para fazer frente ao herói português. Essas cartas criaram problema políticos para Alencar, pois Magalhães era afilhado de D Pedro II, que não gostou das suas palavras, negando-lhe mais tarde uma cadeira no Senado. Pois, saibam vocês, que o nosso Alencar, paralelamente a uma intensa atividade literária, fez carreira na política chegando a ser Ministro.

Vamos, agora, falar sobre os dois maiores representantes do indianismo, na poesia e na prosa brasileiras, respectivamente, Gonçalves Dias e José de Alencar. O indianismo de Gonçalves Dias é parente do medievalismo português, pela aproximação do índio com o cavaleiro português. O poeta procurou nos comunicar uma visão geral do índio, por meio de cenas ou feitos ligados à vida de um índio qualquer, que funciona como índio padrão. Já Alencar, romancista, procura transformá-lo em personagem, particularizando-o e, por isso mesmo, tornando-o mais próximo da sensibilidade do leitor. O prisioneiro do *I-Juca Pirama* é vazio de personalidade, mas rico de sentido simbólico, como veremos mais adiante. Um belíssimo poema, onde encontramos uma rápida visão do índio integrado a sua tribo, marcado pelo sentimento de honra que, para os românticos, era sua característica mais significativa.

O poema *I-Juca Pirama* é dessas maravilhas que se incorporam ao orgulho nacional, é dos tais deslumbramentos que de vez em quando ocorrem em nossa literatura. No caso, heróico deslumbramento, com um poder quase mágico de enfeixar, em admirável malabarismo de ritmos, aqueles sentimentos que definem a concepção comum de heroísmo e generosidade e, por isso mesmo, nos agradam tanto. Aqui o poeta inventou um recurso inesperado e excelente: o lamento do prisioneiro, caso único em nosso indianismo, que rompe a tensão monótona da bravura tupi graças à supremacia da piedade filial. As alternativas de pasmo e exaltação se realizam de modo impecável na estrutura melódica, com variação de ritmo e riqueza de vocábulos. Trata-se de uma experiência essencialmente romântica de poesia em movimento.

Trata-se da história do guerreiro tupi, que, por amor ao pai inválido, suplica a seus inimigos timbiras que lhe poupem a vida. Variando a métrica para adequar o ritmo à situação narrativa, utilizando muito bem os versos e distribuindo as rimas com rara beleza, o poeta consegue efeitos surpreendentes, sobretudo, quando o pai velho fala. Ele não quer saber de compaixão, quer que a lei da tribo seja obedecida e, ao saber do choro do filho ante o inimigo, condena sua atitude. Vamos, aqui, registrar um trecho deste longo poema, para que vocês possam sentir a força dos versos e procurem ler o poema na íntegra.

Tu choraste em presença da morte?  
Na presença de estranhos choraste/  
Não descende o cobarde do forte;  
Pois choraste, meu filho não és!  
Possas tu, descendente maldito  
De uma tribo de nobres guerreiros,  
Implorando cruéis forasteiros,  
Seres presa de vis Aimorés.

Possas tu, isolada na terra,  
Sem arrimo e sem pátria vagando,  
Rejeitado da morte na guerra,  
Rejeitado dos homens na paz,  
Ser das gentes o espectro execrado;  
Não encontres amor nas mulheres,  
Teus amigos, se amigos tiveres,  
Tenham alma inconstante e falaz!

Não encontres doçura no dia,  
Nem as cores da aurora te ameiguem,  
E entre as larvas da noite sombria  
Nunca possas descanso gozar:  
Não encontres um tronco, uma pedra,  
Posta ao sol, posta às chuvas e aos ventos,  
Padecendo os maiores tormentos,  
Onde possas a frente pousar.

Que a teus passos a relva se torre;  
Murchem prados, a flor desfaleça,  
E o regado que límpido corre,  
Mais te acenda o vesano furor;  
Suas águas depressa se tornem,  
Ao contato dos lábios sedentos,  
Lago impuro de vermes nojentos,  
Donde fujas com asco e terror!

A maldição que o pai inválido, mas íntegro e corajoso, lança ao filho dá bem a medida da bravura de uma raça e faz de *I-Juca Pirama* o mais belo poema longo da literatura brasileira. Leiam em voz alta e sintam a força do mito indígena. A poesia gonçalvina é variada e muito rica, mas aqui nos interessa apenas a modalidade indianista, em que ele, sem dúvida, foi um mestre.

É importante lembrar que na literatura nacional, Gonçalves Dias foi um dos poucos a alcançar as altas expectativas literárias de sua época, exatamente por ter empreendido a busca pela poesia notadamente brasileira. Esse corifeu do indianismo brasileiro tinha forte marca da temática e da proposta estética da fase inicial do Romantismo, tanto que sua poesia busca a formação de nossa identidade cultural através do retorno às nossas raízes históricas, elevando o índio ao mesmo patamar do cavaleiro medieval europeu. As variedades temáticas de Gonçalves Dias reforçam também a idéia de liberdade de expressão defendida pelos românticos de

sua época, influência clara do clima que havia em decorrência dos fatos ligados à independência política que o Brasil conquistou em relação a Portugal. Seus temas são bastante variados: criação do herói, a valorização do passado, dos valores nacionais e o lirismo amoroso.

É interessante lembrar que diferentemente da retratação indígena enquanto mero pretexto para versejar, para este autor, o índio era também o mestiço (situação na qual o próprio autor se encontrava). Gonçalves Dias sofre como índio que é, filho de uma guarajara com um português, mostra a perda cultural e física do seu povo, conforme podemos ver através do poema *Marabá* (1851):



Rodolpho Amoêdo: *Marabá*, 1882. Óleo sobre tela. 151,5 x 200,5 cm. Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes. Foto: Arthur Valle

Eu vivo sozinha: ninguém me procura!  
Acaso feita  
Não sou de Tupã!  
Se algum dentre os homens de mim não se esconde,  
Tu és, me responde,  
Tu és Marabá!

Meus olhos são garços, são cor das safiras,  
Têm luz das estrelas, têm meigo brilhar;  
Imitam as nuvens de um céu anilado,  
As cores imitam das vagas do mar!

Se algum dos guerreiros não foge a meus passos;  
“Teus olhos são garços,  
Responde anojado; mas és Marabá;  
Quero antes uns lhos bem pretos, luzentes,  
Uns olhos fulgentes,  
Bem pretos, retintos, não cor d’anajá!”

É alvo meu rosto da alvura dos lírios,  
Da cor das areias batidas do mar;  
As aves mais brancas, as conchas mais puras  
Não têm mais alvura, não têm mais brilhar.  
Se ainda me escuta meus agros delírios;  
“ES alva de lírios,  
Sorrindo responde, “mas és Marabá;  
Quero antes um rosto de jambo corado,  
Um rosto crestado

Marabá significa na língua tupi a mistura entre o índio e branco, portanto, o próprio nome da índia já aponta para a sua condição de mestiça. O poema se pretende uma possibilidade de entrelaçamento entre etnias; e conforme podemos observar à medida que aprofundamos a leitura, se opera um ‘retorno ao passado’ que nos remete à ciência mítica buscando as questões da origem do povo brasileiro, que perpassa pelo universo mesclado entre o mito e a matéria que tece a vida humana. O poema estrutura-se à semelhança de uma cantiga de amigo da Europa medieval, e apresenta uma voz lírica feminina que canta seu drama amoroso capaz de fazer sentir-se rejeitada. O romantismo de Gonçalves Dias mostra a questão do hibridismo (miscigenação) entre as raças e as culturas, bastante estudada, nos dias de hoje, pelos culturalistas.

Gonçalves Dias, este grande poeta, criou ainda uma obra lírica em que vários temas românticos estão presentes, não apenas o indianismo visto aqui por nós. A partir da saudade da terra natal, ele criou um dos poemas mais conhecidos da nossa literatura – *Canção do Exílio*, que foi tão parodiado pelos nossos modernistas. Não sei se sabem que a paródia foi um recurso muito empregado pelos modernistas (Oswald de Andrade, Drummond e outros), com a intenção de ridicularizar o exacerbado nacionalismo romântico. O olhar crítico modernista (o nosso Modernismo

surge com a Semana de Arte Moderna em 1922) se apossou, muitas vezes, de textos românticos para apontar os excessos ufanistas. Gonçalves Dias no exílio, de onde voltou para morrer no naufrágio do navio onde viajava, sem ter a sorte de rever seu torrão natal, escreve esta obra prima, infelizmente banalizada a ponto de perder um pouco de sua magia. Ela representa bem o ideal literário do poeta: a simplicidade, o equilíbrio, expressão justa sem excesso de adjetivação. Dá para perceber isso numa simples estrofe do poema:

Não permita Deus que eu morra  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que desfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o sabiá.

Infelizmente, não chegou a realizar este desejo de rever a terra natal, morrendo doente e cedo (41 anos) como acontecia, geralmente, com os escritores românticos.

José de Alencar é, sem dúvida, o mais importante representante do indianismo romântico na prosa brasileira. De fato, toda sua carreira literária foi pautada pelo projeto nacionalista e, ao construir seu amplo painel ficcional, ele se preocupou em cobrir o país no tempo e no espaço. No tempo, escrevendo obras que se passam num passado remoto, cujas ações acontecem antes da chegada do colonizador ao Brasil, até obras que representam a sociedade carioca do seu tempo; e no espaço, falando em sua obra sobre quase todas as regiões brasileiras, sempre num propósito nacionalista. Por isso, sua obra se divide em: histórico-indianista, regionalista e urbana. Isso, do ponto de vista temático.

Antonio Candido (1997) apresenta uma curiosa divisão deste enorme painel alencarino, dizendo que existem três Alencares: o Alencar dos mocinhos, o Alencar das mocinhas e o Alencar dos adultos. Melhor dizendo: os romances de aventura, onde predomina o herói e seus grandes feitos; o romance de intriga amorosa, tipo água com açúcar; e o romance mais profundo, de crítica social, de trama mais complexa. Foi um mestre em todos eles, mas aqui nos interessa falar sobre o romance indianista, em que o índio adquire uma dimensão heróica, fazendo da obra um empolgante romance de aventuras, como *O Guarani* (1857). O romancista cearense escreveu três romances indianistas que cobrem três momentos diferentes da nossa história: antes da chegada do colonizador, *Ubirajara* (1874), o primeiro contato com o colonizador, *Iracema* (1865) – lembram do momento em que a virgem dos lábios de mel se depara com o guerreiro branco? – e o convívio do índio com o colonizador, *O Guarani*.



O olhar transgressor da virgem Iracema (Fonte: <http://www.gentree.org.br>).

Falaremos um pouco sobre cada um deles, para que vocês percebam com clareza a proposta nacionalista de Alencar, aliada a sua exuberante imaginação. Seu indianismo está estreitamente ligado à narrativa histórica e, por isso, encontramos personagens que, de fato, existiram no nosso passado. Mas, é preciso dizer que nada aqui é historicamente exato, sendo mais fantasia de sua imaginação do que autêntico levantamento de nossas raízes mais profundas. Não podemos esquecer que a estética romântica foi marcada pela fuga da realidade, para eles prosaica e sem graça. A volta ao passado, a um passado idealizado, representa muito bem essa insatisfação romântica com o aqui e agora. Portanto, não podemos procurar na obra de Alencar a verdade dos fatos, mas curtir os efeitos esplêndidos de sua poderosa fantasia. Ele foi muito criticado por essa fuga da realidade, pois não entendiam como ele conseguiu escrever *O Gaucho* sem jamais ter visitado a região sul do país. Para ele, era só ler e botar a imaginação para trabalhar.

Começamos a avaliar essas características a partir da obra *Ubirajara*, por tratar da questão indígena antes da chegada do colonizador. Duas grandes tribos, Tapuias e Tocantins, são as protagonistas, sendo Ubirajara, guerreiro dos Tapuias e Itaquê, guerreiro dos Tocantins que, agora, “sem a luz do céu, ele não pode mais abrir a seus filhos o caminho da vitória”. Este guerreiro cego procura o chefe tapuia e selam a paz dentro dos rituais indígenas. Este trecho vale a pena registrar, pelo teor simbólico que encerra.

Ubirajara travou do arco de Itaquê e desdenhando fincá-lo no chão, elevou-o acima da fronte. A flecha ornada de penas de tucano partiu.

O semblante de Itaquê remoçou, ouvindo o zunido que recordava-lhe o tempo de seu vigor. Era assim que ele brandia o arco outrora, quando as luas cresciam aumentando a força de seu braço.

O velho inclinou a fronte para escutar o sibilo de sua flecha que talhava o azul do céu. Os cantores não tinham para ele mais doce harmonia do que essa.

Ubirajara largou do arco de Itaquê para tomar o arco de Camacan (de sua tribo). A flecha Araguaia também partiu e foi atravessar nos ares a outra que tornava à terra..

As duas setas desceram trespassadas uma pela outra como os braços do guerreiro quando se cruzam ao peito para exprimir a amizade.

Ubirajara apanhou-as no ar.

-Este é o emblema da união. Ubirajara fará a nação Tocantins tão poderosa como a nação Araguaia. Ambas serão irmãs na glória e formarão uma só, que há de ser a grande nação de Ubirajara, senhora dos rios, montes e florestas.

Imagem, vocês, se na civilização ocidental, encontrássemos tal generosidade e desprendimento! A PAZ não seria uma utopia tão desejada... Porém, é possível que a vida dos selvagens esteja demasiadamente poetizada, que os costumes indígenas tenham sido deturpados pela fértil imaginação do romancista, e que as personagens históricas não confirmem com a realidade. Isso não altera o sentido e a significação do romance alencarino e dá destaque à imaginação do autor. A tendência universal do Romantismo, de remexer no passado nacional, de rebuscar nos escombros medievais o que de melhor aí ficara da alma e da tradição de cada povo, encontraria no Brasil a melhor receptividade, pois um dos nossos problemas era o de afirmar frente a Portugal o espírito brasileiro, sua independência não só do ponto de vista político, mas também do ponto de vista cultural. Seria através da valorização poética das raças primitivas no cenário grandioso da natureza americana que alcançaríamos aquele nível mínimo de orgulho nacional, de que carecíamos para uma classificação em face do europeu.

É bom lembrar que o negro não se prestava ao papel de valorizador da nacionalidade. Não só porque representava o trabalho, numa sociedade em que o trabalho era motivo de desclassificação social, mas porque não era filho da terra, para aqui tinha vindo escravizado e aviltado. O índio era o que convinha, sob medida, ao idealismo romântico. Alencar, tendo lido nos velhos cronistas sobre a vida dos selvagens, só aproveitou o que era favorável ao seu projeto nacionalista. Propósitos de romancista e não de historiador, e de romancista romântico que criou, com base nas lendas e não na história, o mundo poético e heróico de nossas origens.

Na última aula, falamos um pouco sobre *O Guarani*, chamando a atenção de vocês para a descrição de Peri, herói do romance. Este foi, sem dúvida, juntamente com *Iracema*, um dos romances mais lidos do nosso Romantismo. Como era moda na época, *O Guarani* saiu primeiro em folhetim, na imprensa. Os capítulos iam sendo publicados, diariamente, suscitando um enorme interesse entre os leitores, que aguardavam, ávidos, o próximo capítulo, como os telespectadores fazem atualmente com as novelas. A história de Peri e Ceci, do traiçoeiro Loredano, do velho fidalgo D. Antonio de Mariz, transcorrida na paisagem virgem do vale do Paquequer, suscitou, de fato, o maior entusiasmo. No Rio e em São Paulo, legiões de leitores disputavam as páginas do jornal, devorando as aventuras, até mesmo à luz dos lampiões de rua. Todos já ouviram falar da devoção de Peri à filha de D. Antonio de Mariz, Ceci, a virgem loira, mas a união dos dois seria impossível, uma vez que se tratava de duas raças diferentes, sendo o selvagem minimizado pelo colonizador. Como encerrar, então, a narrativa? Diante da destruição causada pelo ataque dos Aymorés, tribo canibal, Peri, valente e corajoso, salva Ceci e o romance acaba em aberto, isto é, sem que se defina o destino dos dois.

O final é bastante simbólico e merece ser registrado para que vocês sintam, nas entrelinhas, a proposta de união das duas raças. Numa versão indígena do dilúvio bíblico, o rio toma conta da terra e Peri com Ceci se abrigam numa palmeira, que desliza sobre as águas.

A cúpula da palmeira, embalado-se graciosamente, resvalou pela flor d'água como um ninho de garças ou alguma ilha flutuante, formada pelas vegetações aquáticas.

Peri estava de novo sentado junto de sua senhora quase inanimada; e, tomando-a nos braços, disse-lhe com um acento de ventura suprema;

-Tu viverás!

Cecília abriu os olhos, e vendo seu amigo junto dela, ouvindo ainda suas palavras, sentiu o enlevo que deve ser o gozo da vida eterna.

-Sim?...murmurou ela; viveremos!... lá no céu, no seio de Deus, junto daqueles que amamos!...

O anjo espanejava-se para remontar ao berço.  
-Sobre aquele azul que tu vês, continuou ela, Deus mora no seu trono, rodeado dos que o adoram. Nós iremos lá, Peri! Tu viverás com tua irmã, sempre!...  
Ela embebeu os olhos nos olhos do seu amigo, e lânguida reclinou a loura fronte  
O hálito ardente de Peri bafejou-lhe a face.  
Fez-se no semblante da virgem um ninho de castos rubores e lânguidos sorrisos: os lábios abriram como as asas purpúreas de um beijo soltando o vôo.  
A palmeira arrastada pela torrente impetuosa fugia...  
E sumiu-se no horizonte...

Cá entre nós, o que aconteceu com eles, o narrador não diz claramente, mas certas palavras – “lânguida”, “hálito ardente”, “castos rubores” e “asas purpúreas de um beijo” – indiciam um final bem mais feliz! E notem, a presença da religiosidade dando um clima de pureza ao que, talvez, fosse puro desejo...

Em Iracema, a união sexual entre a selvagem e o guerreiro branco acontece de fato, apesar do firme propósito de Martim de respeitar a virgindade da filha de Araquém, conforme a lei da tribo. Ele pede à virgem o licor de jurema, que provoca bons sonhos e, e aproveitando-se da suave embriaguez do guerreiro branco, Iracema se entrega a ele. Registremos este momento que é de grande sensualidade e lirismo.



A morte de Iracema (Fonte: <http://jaianemelo.blogspot.com>).

Quando Iracema foi de volta, já o Pajé não estava na cabana; tirou a virgem do seio o vaso que ali trazia oculto sob a carioba de algodão entretecida de penas. Martim lho arrebatou das mãos, e libou as gotas do verde e amargo licor.

Agora podia viver com Iracema e colher em seus lábios o beijo, que ali viçava entre sorrisos como o fruto na corola da flor. Podia amá-la e sugar desse amor o mel e o perfume, sem deixar veneno no seio da virgem.

O gozo era vida, pois o sentia mais forte e intenso; o mal era sonho e ilusão, que da virgem não possuía senão a imagem.

Iracema afastara-se opressa e suspirosa.

Abriam-se os braços do guerreiro adormecido e seus lábios; o nome da virgem ressoou docemente.

A juruti, que divaga pela floresta, ouve o terno arrulho do companheiro; bate as asas e voa a conchegar-se ao tépido ninho. Assim a virgem do sertão aninhou-se nos braços do guerreiro.

Quando veio a manhã, ainda achou Iracema ali debruçada qual borboleta que dormiu no seio do formoso cacto. Em seu lindo semblante acendia o pejo vivos rubores; e como entre os arrebóis da manhã cintila o primeiro raio do sol, em suas faces incendiadas rutilava o primeiro sorriso da esposa, aurora de fruído amor.

A jandaia fugira ao romper d'alva e para não tornar mais à cabana. Vendo Martim, a virgem unida ao seu coração, cuidou que o sonho continuava; cerrou os olhos para torná-los a abrir.

A pocema dos guerreiros, troando pelo vale, o arrancou ao doce engano; sentiu que já não sonhava, mas vivia. Sua mão cruel abafou nos lábios da virgem o beijo que ali se espanejava.

- Os beijos de Iracema são doces no sonho; o guerreiro branco encheu deles sua alma. Na vida, os lábios da virgem de Tupã amargam e doem como o espinho da jurema.

A filha de Araquém escondeu no coração a sua ventura. Ficou tímida e inquieta como a ave que pressente a borrasca no horizonte. Afastou-se rápida e partiu.

As águas do rio banharam o corpo casto da recente esposa.

Tupã já não tinha sua virgem na terra dos tabajaras.

E o final da narrativa é muito significativo do que de fato aconteceu com a raça indígena por conta da colonização... Aqui, como em *O Guarani*, notamos a presença da religião católica, tão atuante no processo colonizador, através dos jesuítas. Martim, depois de partir com Moacir, o primeiro brasileiro, retorna à selva, já agora colonizada, instalando oficialmente o cristianismo. “A mairi que Martim erguera à margem do rio, nas praias do Ceará, medrou. Germinou a palavra do Deus verdadeiro na terra selvagem; e o bronze sagrado ressoou nos vales onde rugia o maracá.” Esta é a grande contradição romântica: assumir a superioridade do colo-

nizador branco e de sua religião em face das enaltecidas virtudes do selvagem. Esperamos que tenham ficado curiosos para saber o resto da história, se é que já não sabem...É interessante observar que Gilberto Freyre, autor de *Casa Grande-Senzala* fala sobre o interesse das índias pelo homem branco. Para elas, verdadeiros deuses.

A tríade indianista iniciada com *O Guarani* (1857) (*O Guarani*, *Iracema*, *Ubirajara*) equivale a um poema sobre a fundação mítica do Brasil: Moacir, o filho do guerreiro branco com a virgem dos lábios de mel, aponta para a fusão das raças, dando início à mestiçagem do povo brasileiro. Esta força de Alencar – o único escritor de nossa literatura a criar um mito heróico, o de Peri – faz dele hoje um escritor defasado. Os tempos mudaram, mas não aceitar este seu lado épico, não vibrar com ele nas arriscadas aventuras, é prova não só de pouca imaginação, mas sobretudo falta de capacidade de contextualizar, isto é, de se reportar aos meados do século XIX com todos seus anseios.

Vocês viram que já classificamos a obra de Alencar de duas formas diferentes: dividindo-a em histórico-indianista, regionalista e urbana (classificação tradicional) e nos três Alencares – o dos mocinhos, das mocinhas e dos adultos (classificação de Antonio Candido). Com relação a esta última, deve ter ficado claro que o romance indianista pertence ao Alencar dos mocinhos, em virtude de sua natureza épica, das muitas aventuras e da presença do herói, para não dizer super herói. Vamos apresentar agora, outra classificação que inventamos na minha pesquisa. Lendo *Como e porque sou romancista*, livro póstumo de Alencar sobre sua concepção de romance, vimos que, para ele, romance é o POEMA DA VIDA REAL, isto é, a transfiguração da realidade feita de forma poemática, portanto, imaginativa.

Partindo desta definição de romance, percebemos que algumas narrativas voltavam-se mais para a VIDA REAL (ex; romances urbanos) e outras mais para o POEMA (romances indianistas e regionalistas). Quando se trata do passado ou de uma região distante, isto é, de um tempo e espaço distantes, o autor dá asas a sua imaginação, idealizando personagens e paisagens. Mas, quando se trata da realidade contemporânea, isto é, do Rio de Janeiro de sua época, onde ele vivia, o autor faz a crítica dos aspectos negativos desta sociedade. Dentro do espírito da literatura romântica – distrair moralizando – ele atua como moralista, apontando desvios de conduta e dividindo o universo ficcional entre o bem e o mal. Quando estudarmos o romance urbano, vamos perceber isso com clareza. E, aqui, vamos por vezes encontrar o Alencar dos adultos, cujas tramas são mais complexas, marcadas por um forte veio crítico. Mas o romance regionalista, que também faz parte dos nossos estudos, vai continuar sendo o do Alencar dos mocinhos, isto é, dos heróis idealizados pela sua imaginação.

## CONCLUSÃO

José de Alencar e Gonçalves Dias são os maiores representantes do indianismo brasileiro. Isso não significa que não tenham existido outras manifestações indianistas, num momento em que o índio era considerado o legítimo dono da terra. Desde o século XVIII, o índio aparece em poemas como *Uruguai* e *Caramuru*. Mas, no século XIX, durante o Romantismo, o indianismo fazia parte do projeto nacionalista e o índio era exaltado como verdadeiro herói nacional. Mostramos a dimensão heróica de Peri, em *O Guarani*, e a beleza de *Iracema*, a virgem dos lábios de mel; além disso, Falamos ainda sobre *Ubirajara*, que representa a situação do índio antes da chegada do colonizador.

Paralelamente à exaltação do índio, encontramos nesses romances a exaltação da natureza, da natureza brasileira, completamente diferente da natureza européia. Tudo isso contribuiu para a formação da literatura brasileira, conforme nos assegura Afrânio Coutinho (1986). A poesia de Gonçalves Dias, como tivemos a oportunidade de ver, com momentos de extraordinária beleza, ajuda a compor brilhantemente o nosso Romantismo que, juntamente com o Modernismo, representam os dois estilos mais importantes do nosso processo literário.



### RESUMO

Nesta aula, estudamos o indianismo na poesia e na prosa através das obras de Gonçalves Dias e Jose de Alencar, respectivamente. O indianismo de Gonçalves Dias é parente do medievalismo português, pela aproximação do índio com o cavaleiro português. O poeta procurou nos comunicar uma visão geral do índio, por meio de cenas ou feitos ligados à vida de um índio qualquer, que funciona como índio padrão. Já Alencar, romancista, procura transformá-lo em personagem, particularizando-o e, por isso mesmo, tornando-o mais próximo da sensibilidade do leitor. Conforme vimos, a proposta nacionalista de Alencar está aliada a sua exuberante imaginação. José de Alencar é, sem dúvida, o mais importante representante do indianismo romântico na prosa brasileira. De fato, toda sua carreira literária foi pautada pelo projeto nacionalista e, ao construir seu amplo painel ficcional, ele se preocupou em cobrir o país no tempo e no espaço. Seu indianismo está estreitamente ligado à narrativa histórica e, por isso, encontramos personagens que, de fato, existiram no nosso passado. Mas, é preciso dizer que nada aqui é historicamente exato, sendo mais fantasia de sua imaginação do que autêntico levantamento de nossas raízes mais profundas. Não podemos esquecer que a estética romântica foi marcada pela fuga da realidade, para eles prosaica e sem graça. A volta ao passado, a um passado idealizado, representa muito bem essa insatisfação romântica com o aqui e agora. Portanto, não podemos procurar na obra de Alencar a verdade dos fatos, mas curtir os efeitos esplêndidos de sua poderosa fantasia.



### ATIVIDADES

1. Responda às seguintes questões:
  - a) Gonçalves Dias, o grande poeta romântico brasileiro, usou em seus versos a temática indianista. O que representa o índio no contexto do Romantismo brasileiro?
  - b) A expressão “mas és Marabá” do poema homônimo reafirma o discurso da rejeição. Comente sobre esse aspecto, observando as características físicas de Marabá em relação àquelas das índias nativas.

### COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Êpa, vocês devem estar lembrados que quando falamos das características específicas do nosso Romantismo, apontamos para a importância do indianismo na prosa e na poesia. E enquanto o

Romantismo europeu se voltou para o passado medieval, nós que não tivemos Idade Média, nos voltamos para o nosso passado, marcado pela presença do índio. E fizemos desse índio o herói nacional: corajoso, valente e leal, como um cavaleiro medieval. Mas era o nosso índio, que vivia numa interação perfeita com a natureza brasileira, exuberante e bela. E foi dito, também, que o indianismo é fruto da volta ao passado e, sobretudo, do sentimento nacionalista tão atuante nesta época no Brasil. O povo brasileiro estava cansado de ser explorado pelo colonialismo português e almejava sua independência. Mas não bastava uma simples independência política. Era necessária uma plena autonomia cultural, uma literatura que falasse da nossa realidade e que fosse diferente da literatura portuguesa. Neste contexto, o índio foi bastante importante para o nosso Romantismo, pois se prestava admiravelmente aos propósitos nacionalistas, pois era o autêntico homem brasileiro.

Você deve ter percebido que o poema se configura num lamento, certo? Pois bem, a representação mítica da raça, da mulher e dos que estão à margem, sugere o diálogo de Marabá com sua origem e a história. Sendo filha de uma índia com um europeu, ela já não traz mais a originalidade da sua tribo, pois, seus cabelos são loiros, em ondas anelados, irresistíveis às brisas dos bosques, formosos como um beija-flor; seus olhos são garços, cor de safira; seu rosto tem a alvura dos lírios. Como podemos perceber, ela é rejeitada pelos homens da própria tribo, que não só expõem os atributos da mulher desejada que são contrários aos da mestiça como também fazem questão de reforçar a negação ao estereótipo apresentado por Marabá (pertencente à casta dos colonizadores), daí o tom de acusação: “mas és Marabá!”. A índia chora, pois já não mais se reconhece: nem é índia nem européia, não pertence a nenhum povo. E só consegue enxergar em si o que não é do agrado dos índios, por conseguinte, o que a condena à solidão. Dessa forma, o lamento de Marabá assume o caráter coletivo, é igualmente o de toda uma raça que se vê ameaçada pelos invasores brancos e que, por isso, defende, com um instinto de preservação, a superioridade de sua beleza racial. Esta causalidade entre o drama da mestiça e o drama de todo o povo indígena ao contato da colonização é o que faz de “Marabá” um poema estruturalmente indianista. Marabá não é só mais uma índia idealizada pelo romantismo, mais do que isso: é uma metáfora de um povo que sofria pelos crimes de seus antepassados. Sua voz revela um Brasil mais real, mais miscigenado.



### PRÓXIMA AULA

Na aula seguinte, discutiremos sobre o romance urbano no Romantismo, focalizando os autores e obras mais expressivas. Até lá!



### AUTO-AVALIAÇÃO

Oiii, mais uma vez, o espaço é destinado à sua análise sobre seu próprio rendimento nesta aula. Será que você se deu bem? Volte ao início da aula e leia os objetivos previstos. Como você se auto-avalia em cada um deles? Exemplo: eu consigo descrever como se caracteriza o indianismo das obras de Alencar e Gonçalves Dias? Eu consigo identificar como os românticos da segunda geração trabalharam o índio como herói? Pense na escala (0 a 10 ou 0% a 100%) e dê uma nota para você, boa sorte! Abraços e até a próxima aula!

### REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. Vieira de. **Literatura, mito e identidade nacional**. São Paulo: Ômega Editora, 2008.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- \_\_\_\_\_. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. Romantismo. Rio de Janeiro: Sul Americana, v. 3, 1986.
- MERQUIOR, Jose Guilherme. **De Anchieta a Euclides. Breve história da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977.